

3

A presença da cruz no caminho mistagógico do seguimento a Jesus

Nos capítulos anteriores procuramos abordar o sentido histórico e teológico da cruz de Jesus. Percorremos essa trajetória com o objetivo de demonstrar a importância do resgate do sentido original da cruz para o cristianismo.

Vimos que a cruz é o ponto de chegada e de partida para a compreensão da trajetória histórica de Jesus, da revelação do mistério de Deus como um Deus crucificado e do “povo crucificado” como corpo de Cristo crucificado na história. Propomo-nos apresentar no presente capítulo como a cruz se faz presente no caminho que o seguidor de Jesus aceita trilhar. A cruz de Jesus é mistagógica porque conduz para dentro do mistério.

“A palavra mistério em sentido cristão refere-se à presença escondida de Deus na história humana, revelada na pessoa, na vida, e principalmente na cruz de Cristo, que vem a esclarecer, iluminar, nossa própria experiência de vida, morte, história... que desembocará na plena comunhão com o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo... e com toda a humanidade”³⁴⁸.

Como nossa fé e nossa prática partem da centralidade no Mistério pascal podemos afirmar que o modo como seguimos Jesus Cristo depende, principalmente, da forma como o compreendemos em sua totalidade. Nesse sentido, procuraremos desenvolver uma reflexão sistemática que nos ajude a perceber a importância da cruz (em seu sentido original), sua relação com os demais momentos da trajetória de Jesus para o seguimento a ele e sua novidade para a fé cristã.

Para desenvolver a reflexão partimos da seguinte hipótese: “O sentido originário da cruz de Jesus é o mesmo que acolhemos e vivenciamos hoje?”. E com esta questão desdobram-se outras: “A forma como seguimos a Jesus Cristo parte da compreensão que temos de sua vida, morte e ressurreição?”, “Nossas práticas, nossas relações e as inúmeras situações que crucificam inúmeros irmãos e irmãs ainda hoje são justificadas a partir de uma concepção da cruz de

³⁴⁸ BUYST, I., *O método mistagógico como modelo e inspiração na formação litúrgica em geral*, p. 2.

Jesus que trata o sofrimento como desígnio divino?”. Tais questionamentos nos conduziram a uma percepção da relevância do seguimento a Jesus que brota do Mistério pascal e de suas consequências para a práxis.

A cristologia de Sobrino busca compreender Jesus a partir da práxis de seus seguidores no anúncio do Reino, na denúncia da injustiça e na realização do Reino. Os seguidores de Jesus configuram à sua imagem e a ele remetem³⁴⁹. Jon Sobrino contribui enormemente com sua reflexão para a compreensão e vivência da fé neste Continente onde os crucificados com seus gritos (muitas vezes silenciosos e silenciados) nos impulsionam como Igreja a um processo kenótico. É preciso esvaziarmo-nos de nós mesmos para termos a coragem de ir ao encontro daqueles que mais precisam, não simplesmente pela consciência ética, mas como consequência do seguimento a Jesus Cristo.

Procuraremos, então, neste terceiro capítulo, apresentar a relevância do seguimento a Jesus que tem como ponto de partida uma profunda experiência de encontro com Ele em seu Mistério pascal e, também, uma visão da cruz de Jesus como amor-solidariedade e consequência de uma práxis que nos convoca a um seguimento mais integrado e integrador e nos conduz a uma superação de dualismos. Para atingir essa meta, perpassaremos pontos nucleares do caminho *kenótico* de Jesus estabelecendo uma relação com o caminho que seu discípulo é convidado a percorrer: “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus” (Fl 2,5).

3.1. Seguimento: mergulho no Mistério pascal

Seguir a Jesus é trilhar o seu caminho: encarnação, vida, morte e ressurreição. Jesus encarnou-se em nossa história, anunciou e iniciou a proximidade do Reino de Deus, agiu com amor misericordioso para com os pobres e oprimidos, foi perseguido e morto. Como resposta à sua entrega foi ressuscitado pelo Pai. Desde o início seguir a Jesus significou participar de sua vida, missão e destino, ou seja, um mergulho no Mistério pascal. Seguir a Jesus “é viver, amar, crescer em fidelidade, comprometer-se na construção do reino e solidarizar-se na justiça e na amizade”³⁵⁰.

³⁴⁹ Cf. SOBRINO, J., *Cristologia a partir da América Latina*, p. 23.

³⁵⁰ MONGILLO, D. Seguimento p. 1041.. In: FIORES, S.; GOFFI, T. (orgs.), *Dicionário de espiritualidade*, pp. 1041-1048.

O Novo Testamento apresenta o verbo “seguir” em diversas situações onde homens e mulheres se colocam a caminho com Jesus: a multidão que acompanhava Jesus de forma pura e simples e que se abria ao seu evangelho, embora não arriscassem aprofundar no mistério de sua pessoa (Mc 3,7;5,24;10,52;11,9; Lc 7,9;9,11;23,27; Mt 4,13, 4,25, 8,1; 8,10; 9,21;19,2;20,29); os seguidores em sentido amplo (Mc 2,15;10,32;15,41); os discípulos (Mc 6,1;14,54; Mt 8,23; Lc 22,39); os Doze (Lc 6,13;Mc 3,13). Para todos esses é utilizado de forma geral o termo “seguidores” (*mathetês*)³⁵¹.

No entanto, sempre ganhou destaque, na história do seguimento, o grupo dos Doze. De forma totalmente nova Jesus os chamou e os constituiu como seguidores mais próximos. Eles representam simbolicamente as doze tribos de Israel e expressam a exigência messiânica de Jesus Cristo a respeito de todo Israel³⁵².

Nos Evangelhos há vários relatos onde Jesus toma a iniciativa de chamar discípulos (cf. Mc 1,17; Mt 4,19; Jo 1,43). O chamado e a resposta dos primeiros discípulos são um protótipo para quem adere ao seu seguimento³⁵³. Sobrino acentua que, nos relatos de chamado, Jesus chamou com autoridade, incondicionalmente e sem explicações. Esse modo de chamar só é comparável com o chamado que Deus faz³⁵⁴ (como o chamado dos profetas no Antigo Testamento). A resposta dos que são chamados é imediata, deixam tudo e o seguem. Deixaram o pai, as redes (Mc 1,20), a coletoria de impostos (Mc 2,14) e o seguiram, isto é, romperam com todas as suas seguranças, com sua vida anterior, para seguir Jesus. A conversão é uma exigência no seguimento.

Jesus não aceita “negociações” em relação ao seguimento. A alguns são exigidas algumas renúncias: deixar que os mortos enterrem seus mortos (Mt 8,21; Lc 9,59), renunciar à família e aos campos (Lc 14,25; Mt 10,37), vender tudo o que tem e dar aos pobres (Mc 10,21). A disponibilidade e o despojamento é uma atitude básica do seguidor de Jesus. O seguidor de Jesus não impõe condições. Mergulhados juntamente com Jesus na realidade, identificando-se a

³⁵¹ Cf. *Ibid.*, p. 1043.

³⁵² Cf. *Ibid.*

³⁵³ Ao ressaltar o chamado de Jesus aos primeiros discípulos, Sobrino demonstra as atitudes exigidas por Jesus e realizadas pelos discípulos; seu objetivo principal é haurir a teologia subjacente aos textos bíblicos para iluminar a realidade do seguimento. Portanto, não pretendemos dar visibilidade aos Doze como principais seguidores de Jesus. Nos quatro evangelhos as mulheres aparecem do início ao fim fazendo parte ativamente do discipulado de Jesus, que diferentemente dos mestres da época não chama só homens, mas também mulheres para segui-lo. As mulheres tinham uma participação igualitária no movimento de Jesus e isto vigorava no início da Igreja, como podemos perceber através dos Atos dos Apóstolos e em algumas cartas de Paulo. Cf. TEPEDINO, A. M. *As discípulas de Jesus*, p.13.

³⁵⁴ Cf. SOBRINO, J. Seguimento de Jesus, p. 772. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAIO-ACOSTA, J. J.(orgs), *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, pp. 771-775.

cada dia com ele, com seu modo de viver e de agir, seus seguidores dão continuidade ao seu projeto: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8,34). O seguimento a Jesus se dá, então, nessa caminhada: ficar com Jesus, aprender dele, partilhar da sua missão e de seu destino.

A cruz é sinônimo de disponibilidade, de abnegação e de liberdade em relação a si mesmo e às seguranças humanas. Fidelidade indiscutível (Lc 12,8), seguir seu exemplo, fazer como ele fez (Mt 10,24-25a) são condições necessárias para tornar-se colaborador e transmitir o chamado de Deus a Israel (Cf. Mt 4,17), para anunciar a mensagem da vinda do reino e realizar os sinais e prodígios que confirmam esta vinda (Mc 3,14s)³⁵⁵.

Entre os Sinóticos, o evangelho de Marcos apresenta o seguimento como o interesse principal de Jesus. Jesus chama “para que ficassem com ele” (Mc 3,14). A experiência de ficar com Jesus é mistagógica, isto é, seus seguidores aprendem a assemelhar-se a ele participando de sua vida. Neste aprendizado consta o compromisso com o Reino e seus destinatários, onde os pobres e excluídos que passam pela miséria e sofrimentos ganham centralidade. O “ficar com Jesus” possibilita o conhecer Jesus e conhecê-lo é segui-lo. “Ficar com Jesus” não é um privilégio, mas uma experiência que leva ao compromisso:

A experiência de “estar com Ele” é o modelo pedagógico no qual se aprende e se assume o compromisso de redenção exigido pela situação de miséria e de sofrimento daquela gente que ali está. O sentido eclesial e apostólico do modelo pedagógico do “estar com Ele” é bastante convincente nas linhas do chamamento. Não é a experiência de um simples desfrutar a presença de Jesus, mas a experiência da intimidade que leva ao compromisso... Assim, a experiência do “estar com Ele” tem um caráter eminentemente missionário. O relacionamento com Jesus engendra o relacionamento e uma experiência de pertença que devem atualizar, sem dobras e sombras, o projeto libertador de Jesus³⁵⁶.

“Ficar com Jesus” também não significa estabilidade. Nos Evangelhos Jesus está sempre a caminho, “não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20). Esse caminho é a sua morada, portanto o seguimento dá-se no caminho. Quem quiser segui-lo deve ser livre para fazê-lo, mas deve saber que trilhar esse caminho é difícil e exigente.

Marcos apresenta Jesus com muita cautela. Jesus não é exaltado. Quando é proclamado como “Filho de Deus” não são as pessoas piedosas que o invocam e sim os demônios (Mc 5,7) e um pagão, o centurião romano, que está ao pé da cruz. (Mc 15,39). Quando o chamam de Messias ele pede que não

³⁵⁵ MONGILLO, D., op. cit., p. 1043.

³⁵⁶ AZEVEDO, D. Walmor de, *Comunidade e missão no Evangelho de Marcos*, p.179.

revelam isso a ninguém. Assim, a fé em Jesus não é triunfalista, nem light, nem fácil³⁵⁷.

Jesus se manifestou mostrando o seu destino e, sem o desejo de iludir os seus seguidores, apresentou o Pai, o Reino e os projetos do Pai para com ele. “O seguimento de Jesus é o modo especificamente cristão de corresponder à passagem de Deus por este mundo, de chegar ao seu Reinado”³⁵⁸. Seguir Jesus é anunciar o Reino de Deus e ajudar na realização do mesmo. Isso implica um esvaziamento de si que provoca uma abertura para Deus e para os outros. Quem quiser ser seu discípulo e sua discípula sabe que vai encontrar cruzes pelo caminho, mas sabe também que seu olhar deve estar direcionado para o futuro que lhe espera. Com isso não se quer afirmar que o Novo Testamento apresente uma doutrina masoquista e do sofrimento, mas o como viver conforme Jesus.

O seguimento de Jesus engloba o seu estilo, o seu caminho, como caminho dos pobres e sofredores carentes de libertação integral, e as consequências do seu destino de paixão e morte redentora. O seguimento é o ideal que germina e configura os traços da comunidade. É a experiência de sua modelação. O horizonte constituído é um reenvio ao significado de Jesus que percorre os caminhos do mundo indo ao encontro das pessoas lá onde elas estão, e no compromisso da fé, a redenção. O caminho de Jesus é concreto, e também o seu seguimento. Trata-se de um comprometimento no plano redentor de Deus, operado por seu ministério³⁵⁹.

No corpo joanino o verbo seguir refere-se à comunhão íntima com Cristo (Jo 12,26ss). Seguir significa mais do que chamado. Significa ter fé, crer em Jesus Cristo. Os discípulos são testemunhas de Cristo com a própria vida e por isso compartilham do seu destino (Jo 12,26;21,19-22) e de sua glória (Jo 12,26;13,36ss). O seguimento, em João, é promessa da participação com Jesus na vida de Deus junto ao Pai³⁶⁰.

O seguimento é, portanto, ponto comum aos Evangelhos, embora com enfoques diferentes. Neles os Doze aparecem como um grupo de privilegiados, com um grande entusiasmo, mas logo vem o desencontro e a crise, gerando uma tensão entre Jesus e eles. No decorrer dos Evangelhos Jesus dá uma longa instrução através de palavras, ações, orações e um discurso, e por fim vem a morte de Jesus que gera um novo começo. O medo e as resistências só serão

³⁵⁷ Cf. SOBRINO, J., *Fora dos pobres não há salvação*, p. 183.

³⁵⁸ *Ibid.*, p.137.

³⁵⁹ AZEVEDO, D. Walmor de, op. cit., pp. 214-215.

³⁶⁰ Cf. MONGILLO, D. op. cit., pp. 1043-1044.

rompidos com a vinda do Espírito Santo e os discípulos se tornarão testemunhas de Cristo com coragem e alegria.

Após a ressurreição de Jesus a vida cristã é apresentada como o “exercício de assemelhar-se a ele, de ‘tornar-se filhos no Filho’ (Rm 8,29), ‘com os olhos fixos em Jesus’ (Hb 12,2)”³⁶¹.

Nos escritos paulinos o seguimento dá-se na perspectiva da presença “em Cristo” e da imitação³⁶². O termo imitação é utilizado como sinônimo de seguimento a Cristo. Dentro de sua teologia, imitar a Cristo significa configurar-se a ele que foi morto na cruz, ressuscitado e que vive glorioso. Portanto, não é uma configuração externa, de gestos externos, mas uma participação íntima nos mistérios que marcaram a vida de Jesus. Esta participação é expressa através da união com Cristo: sofrer com, ser crucificado com, morrer com, ser sepultado com, ressuscitar com e viver com³⁶³. Nas primeiras comunidades seguimento e imitação de Cristo se entrelaçavam e eram termos utilizados para expressar a mesma realidade. Não eram conceitos abstratos, mas realidades cristológicas concretas: viver como Jesus que foi morto e ressuscitado³⁶⁴.

Nos primeiros séculos do cristianismo, devido à perseguição sofrida, muitos cristãos deram sua vida como testemunho de fidelidade a Jesus Cristo e sua causa até a morte. O martírio passa a ser na Igreja nascente a expressão máxima do seguimento e da imitação. O martírio era visto como morte por excelência por ser considerada a forma mais expressiva de fé em Jesus. Como vimos no capítulo anterior, os cristãos iam à morte com alegria, pois tinham a certeza de que o próprio Cristo sofria neles.

O seguimento tornou-se “a forma mais importante de explicitar a identidade cristã, e muito mais quando, ao longo da história, os cristãos passaram por crise de identidade e de relevância”³⁶⁵. Nestas crises, os mais lúcidos se voltaram ao seguimento, pois é o seguimento a Jesus que nos faz cristãos³⁶⁶.

Foi-se compreendendo que a vida cristã consiste no seguimento a Jesus. E este seguimento não é teórico, mas prático. Sobrino utiliza uma afirmação de Ellacuría para expressar que a consequência do seguimento é a realização do Reino de Deus: “Ellacuría dizia que ‘a maior realização possível do Reino de

³⁶¹ SOBRINO, J., Seguimento de Jesus, p. 771. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAIO-ACOSTA, J. J. (orgs), op. cit., pp. 771-775.

³⁶² Cf. MONGILLO, D., op. cit., p. 1044.

³⁶³ Cf. BOMBONATTO, *Seguimento de Jesus*, p. 78.

³⁶⁴ Cf. *Ibid.*, p. 103.

³⁶⁵ SOBRINO, J. Identidade cristã, p. 343. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAIO-ACOSTA, J. J. (orgs), op. cit., pp. 342-354.

³⁶⁶ Cf. *Id.*, *Fora dos pobres não há salvação*, p. 136.

Deus na história (o mesmo que Jesus veio anunciar e realizar) é o que os verdadeiros seguidores de Jesus devem prosseguir³⁶⁷. A práxis é o encarregar-se do Reino. E isto consiste no amor misericordioso que pode levar à cruz.

3.2.

Mística e devoções emergentes da cruz no caminho do seguimento a Jesus

Vimos anteriormente como o seguimento foi compreendido pelos cristãos até a configuração do martírio como expressão máxima da conformidade a Cristo. Além do martírio vivenciado nos primeiros séculos encontramos na história do cristianismo algumas formas de viver o seguimento como busca de centralidade da vida em Cristo. A primeira destas formas foi o ascetismo doméstico.

Inicialmente o ascetismo era vivido mais por mulheres do que por homens, os quais são denominados as “virgens” e os “continentes”. Eles optavam por uma forma de vida celibatária sem se retirar do convívio social. O celibato era visto como honra a Jesus e uma forma de permanecer nele, como incentivava S. Inácio de Antioquia: “Se alguém pode conservar-se na castidade em honra da carne do Senhor sem cair em soberba, permaneça nela³⁶⁸”.

Por volta do fim do século III inicia-se um novo estilo de seguimento: a vida monástica. S. Antão (250-365) é reconhecido como fundador da vida monástica. Primeiro ele retirou-se para abraçar o ascetismo doméstico e depois se estabeleceu no deserto com o objetivo de viver só para Cristo. Muitos cristãos irão seguir o seu exemplo indo para o deserto, mas logo depois se reunirão em comunidades e terão uma regra própria.

No século IV o cristianismo torna-se religião oficial do Império e então não há mais perseguição aos cristãos. Não havendo mais as perseguições, a vida monástica torna-se a nova forma de viver o martírio: agora não mais como derramamento de sangue para testemunhar a fé, mas como desprendimento do mundo e de todas as honrarias que ele oferece. Na vida monástica, grande ênfase foi dada à cruz. As roupas dos monges lembravam a cruz a ser carregada. O monge era alguém que deveria viver crucificado com Cristo diante

³⁶⁷ Ibid., p.137.

³⁶⁸ Cf. DE CANDIDO, L., *Vida consagrada*, p. 1173. In: FIORES, S.; GOFFI, T. (orgs.), op. cit., pp.1168-1177.

do mundo, do pecado e dos prazeres da carne³⁶⁹. Assim a vida monástica tornou-se uma nova forma de viver o seguimento e a imitação.

Até então o seguimento é compreendido como “mergulho” no mistério pascal, como o configurar-se a Cristo. Porém, na trajetória da história do seguimento, a cruz de Jesus ganha destaque e vai sendo interpretada de várias formas que proporcionaram o surgimento de místicas e de devoções em torno dela.

A cruz converteu-se em símbolo do cristianismo como religião oficial do Império. Desde então se iniciaram devoções à cruz. A cruz “transformou-se em estímulo para as pessoas se dedicarem com generosidade e se sacrificarem neste mundo, e numa garantia do triunfo na vida futura”³⁷⁰. São suscitadas peregrinações nas igrejas erguidas no Gólgota e no Santo Sepulcro. Partes da cruz foram transferidas para países ocidentais e se tornaram uma espécie de amuleto para livrar do mal. A cruz era utilizada para assegurar a bênção de Deus em todas as necessidades: curar os enfermos, fertilizar a terra, encontrar algo perdido etc.³⁷¹.

Além da devoção popular à cruz, que foi instaurada a partir do século IV, encontramos também outras interpretações da presença da cruz na vida cristã. A cruz começa a ser representada na literatura e nas artes tais como pinturas, estandartes, pedras ou metais esculpidos. E mais tarde, a cruz foi utilizada como símbolo das Cruzadas. As Cruzadas tinham o objetivo de libertar a Terra Santa do poder do Islã. Os cruzados eram identificados pelo símbolo da cruz em suas vestes, e isto gerou posteriormente o nome “Cruzadas” para identificar esse movimento.

No século XVI a cruz também se tornou símbolo de conquista das novas terras nas Américas. Os Impérios ibéricos se impunham “pela cruz e pela espada”, pois sob a capa do cristianismo desenvolveram seu projeto de dominação e exploração para enriquecimento próprio³⁷². Um dos gestos dos colonizadores ao chegar ao Brasil foi fincar em nosso solo uma cruz e os primeiros nomes que o Brasil recebeu foi uma homenagem a ela: Ilha de Vera Cruz e Terra de Santa Cruz. Eis um pequeno trecho da carta de Pero Vaz de Caminha em relação à cruz:

³⁶⁹ Cf. AHERNS, B. M., Cruz, p. 253. In: FIORES, S.; GOFFI, T. (orgs.), op. cit., pp. 250-256.

³⁷⁰ Ibid., p. 253.

³⁷¹ Cf. Ibid., p. 253.

³⁷² Cf. MATOS, H. C. J., *Introdução à história da Igreja*, vol. 2, p. 90.

Ao sairmos do batel, disse o capitão que seria bom irmos em direitura à cruz que estava encostada a uma árvore, junto ao rio, a fim de ser colocada amanhã, sexta-feira (1º de maio) e que nos puséssemos todos de joelhos e a beijássemos para eles (os índios) verem o acatamento que lhe tínhamos. E assim fizemos. E a esses dez ou doze que lá estavam, acenaram-lhes que fizessem o mesmo; e logo foram todos beijá-la³⁷³.

Além de todas essas formas de utilização da cruz, ela ganha destaque a partir do desenvolvimento de uma prática e teoria mística em torno de vários núcleos espirituais e literários. Esses grandes núcleos espirituais e literários da mística cristã são categorizados em diferentes formas e em diferentes épocas na história do cristianismo: nos primeiros séculos cristãos, na Idade Média, no Renascimento e na Modernidade; nas mulheres e homens que deram a vida em defesa da fé, nas formas monásticas, nas escolas de diferentes regiões e países (místicos renano-flamingos e ingleses e místicos italianos, espanhóis e franceses), nas diferentes famílias religiosas, nas formas nascidas nas Igrejas surgidas da Reforma e, pelos cristãos leigos e leigas como “filhos de sua época”.

A primeira forma diferente de vivenciar a mística cristã situa-se no dado cultural, pois temos o cristianismo oriental e o ocidental. A hermenêutica acerca dos mistérios presentes na trajetória de Jesus teve pontos de partida diferentes, acentuando-se mais um aspecto do que outro. O Oriente acentuou mais a encarnação de Jesus como fonte de salvação, enquanto o Ocidente acentuou a cruz. Porém tanto o Oriente quanto o Ocidente deram destaque à cruz em sua liturgia:

Os orientais celebram hoje (14 de setembro) a Cruz como uma solenidade comparável à da Páscoa. O imperador Constantino havia mandado construir em Jerusalém uma basílica no Gólgota e outra no Sepulcro do Cristo Ressuscitado. A dedicação dessas basílicas se realizou a 13 de setembro de 355. No dia seguinte se lembrava ao povo o significado profundo das duas igrejas, mostrando o que restava do lenho da cruz do Salvador. Deste uso teve origem a celebração do dia 14 de setembro, que encontramos também em Roma pelo século VII. Nesse aniversário se acrescentou mais tarde a lembrança da vitória de Heráclio sobre os persas (630), dos quais o imperador arrebatou as relíquias da cruz, que foram solenemente levadas a Jerusalém. Desde então a Igreja celebra neste dia o triunfo da cruz³⁷⁴.

Na Idade Média, muitas devoções emergiram dos acentos de alguns escritores em relação aos sofrimentos na crucificação de Cristo. Nasce, então, uma pregação de maneira realista da paixão de Cristo, através de encenações, orações e ladainhas que levou posteriormente à instituição da *via crucis*³⁷⁵. A

³⁷³ Id., *Nossa história*. 500 anos de presença da igreja católica no Brasil, p. 33.

³⁷⁴ CNBB, *Missal cotidiano*, p. 1735.

³⁷⁵ Cf. AHERNS, B. M., op. cit., p. 253. In: FIORES, S.; GOFFI, T. (orgs.), op. cit., pp. 250-256.

imitação de Cristo ganha novo sentido. Ela é provocada a partir dos sentimentos, da emoção gerada ao mergulhar na história da vida de Cristo narrada de forma mística.

No primeiro núcleo da Idade Média destaca-se Bernardo de Claraval, impulsionador da reforma cisterciense, iniciador da “via afetiva”, ou seja, a proposta de amor como caminho por excelência para o conhecimento e a união com Deus. Ele foi um pregador da devoção à humanidade de Cristo³⁷⁶. Destacam-se também os autores da escola de São Vitor, Hugo e Ricardo, São Boaventura e Hugo de Balma. O autor que apresentou a mais completa suma mística medieval foi Ramón Llull (1232-1316)³⁷⁷.

E como afirma Gutiérrez, “toda grande espiritualidade está ligada aos grandes movimentos históricos de sua época”³⁷⁸, por isso não podemos deixar de citar a grande figura desse primeiro núcleo da Idade Média que foi São Francisco de Assis. Certamente não estão sendo acentuados aqui seus escritos, mas sua própria vida marcada pela mística. O início da experiência pessoal de encontro com Jesus Cristo que Francisco faz foi fortemente marcado pela cruz: “na Igreja de São Damião em ruínas, enquanto estava a rezar, o crucifixo pôs-se a falar e, chamando-o pelo nome, confiou-lhe esta mensagem: ‘Vai, Francisco, renova a minha casa, porque como vês, cai em ruínas’”³⁷⁹. A Igreja está fortemente marcada pela política e pela opulência, então Francisco sente o apelo de viver como o Cristo pobre e crucificado. Essa vivência da pobreza evangélica que Francisco se propõe deve ser compreendida a partir de seu contexto histórico. Francisco contempla na cruz um Cristo pobre e crucificado. A conformidade a esse Cristo será o objetivo da vida de Francisco, a ponto de se tornar “outro Cristo crucificado” através dos estigmas que recebeu. E a partir daí floresce “uma profunda e original espiritualidade e uma notável teologia da cruz”³⁸⁰.

A espiritualidade franciscana divulgará entre os mais simples a contemplação de Cristo pobre e crucificado, onde a cruz de Cristo se tornará, então, o livro onde poderão ler a vida de Jesus. “No plano ascético, místico e pastoral, Jesus Cristo crucificado constitui o centro da meditação e da atenção da Família dos Menores”³⁸¹. São Boaventura, desenvolverá, a partir da mística e

³⁷⁶ Cf. BOMBONATTO, V. I., op. cit., p. 121.

³⁷⁷ Cf. VELASCO, J. M., *El fenómeno místico*, p. 215.

³⁷⁸ GUTIÉRREZ, G., *Beber em seu próprio poço*, p. 39.

³⁷⁹ ZOVATTO, P., Experiência espiritual na história, p. 132. In: SECODIN, B.; GOFFI, T. (orgs), *Curso de espiritualidade*, pp. 113-202.

³⁸⁰ MERINO, J. A.; FRESNEDA, F. M. (coordenadores), *Manual de teologia franciscana*, p. 202.

³⁸¹ *Ibid.*, p. 183.

da espiritualidade franciscana, a importância da cruz, pois ele coloca “o centro da existência cristã no seguimento do crucificado a partir da fé no ressuscitado”³⁸². Segundo Boaventura,

na cruz todas as coisas são reveladas; ninguém tem acesso a Deus de forma direta, se não por meio do crucificado; e Jesus Cristo revelou-se imitável em sua medida máxima na forma que teve na cruz. Por isso ele ensina que o crente, contemplando com inteligência de amor o crucificado, deve assimilar os valores que ele proclamou de forma emblemática: a superabundância da caridade de Deus pelo homem, manifestado na pobreza, na humildade e na paciência, no sofrimento e despojamento extremos sobre a cruz...³⁸³

O segundo núcleo da mística na Idade Média é formado por mulheres dos círculos de Beguinhas ou de ordens religiosas. Os traços que se encontram nelas são na maioria fenômenos paranormais: levitação, inédia, visões etc; o recurso a determinadas representações de Deus e de Jesus Cristo: maternidade de Deus e de Jesus Cristo; tendência a valorização do corporal: os sofrimentos da paixão, a devoção à eucaristia, centralidade do amor vivido da forma mais intensa e com forte repercussão na área dos sentimentos e da corporalidade, que deu origem a “Minnemystic” (mística amorosa); e a representação da relação com Deus e com Jesus Cristo em termos esponsais e a vivência da união com Deus como matrimônio espiritual ou mística nupcial (Brautmystic). Destacam-se nesse período Hildegarda de Bingen, Isabel de Shönau, Hadewijch de Amberes, Beatriz de Nazaret, Matilde de Magdeburgo, Margarita Porete, Ângela de Folinho, Catarina de Sena, Catarina de Gênova e Juliana de Norwich³⁸⁴.

O terceiro núcleo está representado pela “Wesensmystic”, a mística da essência, ou “Seinsmystic”, a mística do ser, ou ainda, mística especulativa. Destaca-se aqui Mestre Eckhart³⁸⁵.

Encontramos nesses núcleos formas diferentes de mística. E em torno dessas místicas nasceram devoções populares. Foram essas devoções que ajudaram o povo a superar os sofrimentos nos períodos difíceis da história e geraram santos como Ângela de Folinho (+1309) e Catarina de Sena (+1380). Essa forma de espiritualidade da cruz foi levada adiante pelos escritores renanos como João Tauler (+1361), Henrique Suso (+1366) e na Imitação de Cristo (1424/1427)³⁸⁶.

³⁸² Ibid., p. 180.

³⁸³ Ibid.

³⁸⁴ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 215.

³⁸⁵ Cf. Ibid., p.216.

³⁸⁶ Cf. AHERNS, B. M., op. cit., p. 254. In: FIORES, S.; GOFFI, T. (orgs.), op. cit., pp. 250-256.

A obra *Imitação de Cristo*, atribuída a Tomas Kempis, é ainda hoje uma das mais lidas. Embora não apresente uma estrutura coerentemente desenvolvida em torno da imitação, a obra trata uma experiência pessoal de conversão e está dividida em quatro livros³⁸⁷. No segundo livro encontramos o seguimento como identificação e imitação de Cristo. Em relação à cruz, convida-se a carregá-la como Jesus o fez:

Muitos encontram Jesus agora apreciadores de seu reino celestial; mas poucos que queiram levar a sua cruz. Tem muitos sequiosos de consolação, mas poucos da tribulação; muitos companheiros à sua mesa, mas poucos de sua abstinência. Todos querem gozar com ele, poucos sofrer por ele alguma coisa. Muitos seguem a Jesus até ao partir do pão, poucos até beber o cálice da paixão. Muitos veneram seus milagres, mas poucos abraçam a ignomínia da cruz. Muitos amam a Jesus, enquanto não encontram adversidades. Muitos O louvam e bendizem, enquanto recebem d'Ele algumas consolações; se, porém, Jesus se oculta e por um pouco os deixa, caem logo em queixumes e desânimo excessivo³⁸⁸.

No século XVI, na Espanha, destacam-se, Santo Inácio de Loyola, Santa Teresa de Jesus e S. João da Cruz. “Os três consideravam a meditação da paixão de Cristo como elemento necessário da luta para alcançar a santidade cristã”³⁸⁹. Santo Inácio de Loyola “centralizou sua atenção na meditação da paixão de Cristo e formulou regras de ajuda para ser fiel na imitação ascética do Salvador”³⁹⁰. Através de Santa Teresa de Jesus e S. João da Cruz “a mística renano-flaminga adquire uma capacidade de análise psicológica da experiência, uma beleza poética na expressão e um rigor e uma precisão na reflexão teológica que os converte num dos marcos da história da mística cristã e universal”³⁹¹. São João da Cruz, por inspiração de S. Teresa, tentou reformar o Carmelo. Porém foi expulso do convento e acabou na prisão. Lá escreveu algumas das mais belas poesias de todos os tempos. Ele descobriu o mistério da cruz a partir dos sofrimentos que suportou³⁹².

Sem julgamentos anacrônicos, os místicos foram pessoas que viveram integralmente sua experiência de seguimento. As interpretações equivocadas de suas experiências é que podem levar a um desvirtuamento do sentido original da cruz de Jesus. Quando a mística da cruz é compreendida como mística da dor e do sofrimento distancia-se da espiritualidade cristã. Jesus não desejou a cruz e a

³⁸⁷ Cf. ZOVATTO, P., op. cit., pp. 147-148. In: SECODIN, B.; GOFFI, T. (orgs), op. cit., pp. 113-202.

³⁸⁸ KEMPIS, T., *Imitação de Cristo*, livro 2 capítulo 11, 1.

³⁸⁹ AHERNS, B. M., op. cit., p. 254. In: FIORES, S.; GOFFI, T. (orgs.), op. cit., pp. 250-256.

³⁹⁰ Ibid.

³⁹¹ VELASCO, J. M., op. cit., p. 216.

³⁹² Cf. CNBB, *Missal cotidiano*, p. 1832.

perseguição. Elas foram consequências de sua vida encarnada na história. Portanto, a cruz só é fonte de espiritualidade se for vista como consequência de uma vida doada. Cruz desligada da vida de Jesus é sofrimento. Querê-la apenas para imitar um momento de sua vida para se fazer próximo dele através do sofrimento é masoquismo. A espiritualidade cristã não é uma espiritualidade do sofrimento. Por isso Sobrino acentua que “a espiritualidade cristã não pode reduzir-se à mística da cruz, mas consiste no caminho do seguimento a Jesus”³⁹³ e este caminho não é outro senão o refazer na história a trajetória de Jesus.

3.3.

A *Kénosis* na vida de Jesus: paradigma do seguimento

Ao delinear os passos fundamentais do seguimento, Sobrino tem como alicerce a trajetória da vida de Jesus: encarnação, prática salvífica, cruz e ressurreição. No segundo capítulo abordamos como se dá a intrínseca relação destes elementos na vida de Jesus. Propomo-nos aqui traçar como o seguimento a Jesus pressupõe os mesmos elementos: encarnar-se na realidade, assumir a cruz e viver como ressuscitados para ressuscitar os crucificados.

Ao desenvolver o tema do seguimento, Sobrino enfatiza a *kénosis* como passo fundamental³⁹⁴. Podemos compreender, de forma análoga, tal afirmação ao adentrarmos em Fl 2,6-11. Neste hino encontramos, de forma teologizada, uma síntese da estrutura da vida de Jesus: a preexistência (2,6), a encarnação (2,7-8) e a glorificação (2, 9-11). Sobrino não desenvolve explicitamente sua reflexão sobre o seguimento a partir deste hino, mas podemos percebê-lo diluído em seus escritos, visto que toda a vida de Jesus é permeada pela *kénosis*: um Deus que assume a condição humana é assassinado por se encarnar plenamente na história, e, *por isso*, é ressuscitado pelo Pai. Deparamo-nos aqui com uma síntese do amor-solidariedade e um convite a termos o mesmo sentimento de Cristo Jesus que não se apegou à sua condição divina, não reivindicou seus direitos divinos e humanos, mas se fez servo, se encarnou na realidade humana e a viveu; sendo obediente foi até a morte e morte de cruz. Aquele que viveu a vida toda por amor ao Pai e aos irmãos, o inocente, o justo morre como um maldito. Mas porque foi até o fundo dessa experiência humana,

³⁹³ SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 225.

³⁹⁴ Cf. Id. Seguimento de Jesus, p. 773. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAIO-ACOSTA, J. J. (orgs), op. cit., pp. 771-775.

foi elevado até o mais alto dos céus. A cruz, de símbolo da dor e do sofrimento, torna-se símbolo do amor. Jesus venceu o mal com o amor, permanecendo fiel até o fim. A morte de cruz revela a plenitude das atitudes de Jesus diante da vida.

Este é o Caminho de Jesus e o caminho para o qual ele chama seus discípulos. É o caminho que em princípio nos assusta ou, pelo menos, nos embaraça. Quem deseja ser humilde? Quem deseja ser o último? Quem deseja ser igual a uma criancinha impotente? Quem deseja perder a própria vida, ser pobre, aflito e faminto? Tudo isso parece ser contra nossas inclinações naturais. Mas, uma vez que nós vemos que Jesus nos revela, em seu rebaixamento radical, a natureza misericordiosa de Deus, nós começamos a entender que segui-lo é participar da auto-revelação contínua de Deus. Ao nos pormos a caminho da cruz com Jesus, tornamo-nos pessoas em cuja vida a presença misericordiosa de Deus neste mundo pode se manifestar³⁹⁵.

A perícopes *Fl 2,6-11* trata-se de um hino cristológico, também chamado hino *kenótico* e é o tema principal e mensagem mais importante da Carta aos filipenses. O versículo 5 anuncia o seu conteúdo: “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus”. Este sentimento que transparece no hino deve ser o mesmo sentimento do seguidor de Jesus. E este sentimento foi sua opção de vida: encarnar-se.

A maior parte dos exegetas dividem o hino em duas partes com duas ou três estrofes. Adotaremos aqui a divisão em três estrofes de Cerfaux: 6-7a; 7b-8 e 9-11³⁹⁶.

A primeira estrofe é elaborada à base de antítese comum entre Filho de Deus e nascimento segundo a carne. Jesus possui a igualdade com Deus, pois ele tem a condição divina, mas não se apega a esta condição. Jesus se humilha ao se manifestar numa natureza humana: é a *kenosis*, esvaziamento de si.

Na segunda estrofe, Paulo insiste neste esvaziamento e na humilhação que Jesus livremente aceita, deixando as prerrogativas de sua preexistência para adentrar em nossa humanidade (2, 7-8)³⁹⁷. O ato de esvaziar-se é um ato de liberdade. Ele mesmo é o sujeito desta ação. Só alguém livre é capaz de obedecer. Jesus assume, então, a condição de um servo. A figura do servo aparece nos cânticos do servo de Isaías, o qual pode ser a fonte de inspiração de Fl. O servo de Deus é o Cristo obediente e humilhado, mas depois exaltado. Destacar o despojamento do Verbo encarnado é dar uma lição de humildade aos cristãos de Filipos: Cristo, sendo realmente Deus e possuindo o direito aos privilégios da divindade, tais como a majestade, a glória e o poder sobre o

³⁹⁵ NOUWEN, H. J. M.; MCNEILL, D. P.; MORRISON, D. A., *Compaixão*, p. 41.

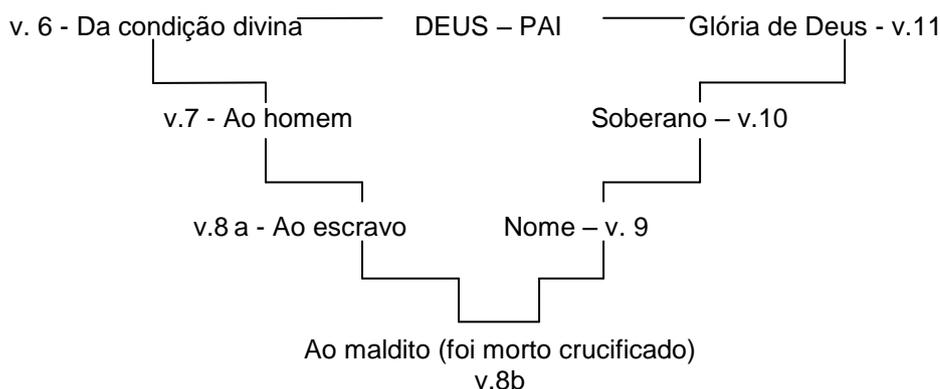
³⁹⁶ Cf. CERFAUX, L., *Cristo na teologia de Paulo*, p. 298.

³⁹⁷ Cf. *Ibid.*, p. 308

mundo, renuncia a tudo e torna-se um verdadeiro homem, sem deixar de ser Deus.

O versículo 8 apresenta o grande abismo: Jesus morre na cruz. Na cruz, ele já não é nada: nada de poder, nada de dignidade, nada de direitos humanos. Deus ficou sem nada do seu poder divino³⁹⁸. Jesus não deixou de ser Deus, mas não usa seus poderes divinos para experienciar com isso tudo o que é humano, inclusive o sofrimento. A morte sublinha a ausência do poder. E a morte de cruz é uma morte maldita (Cf. Dt, 21,22-23). A cruz é a expressão extrema da condição de escravo e do esvaziamento de todo poder.

Podemos notar que as duas primeiras estrofes apresentam uma estrutura descendente. Da condição divina Cristo desceu ao mais baixo degrau da condição humana: a morte de cruz. Porém, a estrofe seguinte delinea uma estrutura ascendente: a cada degrau de descida, da condição divina ao “maldito” pendurado na cruz, corresponde um degrau na subida da exaltação que Deus lhe promove:



O preço da encarnação foi a cruz. Por ser fiel à sua encarnação e missão Jesus é perseguido e morto. Mas o Pai não o deixa entregue à morte. Na terceira estrofe Deus, o Pai, é o sujeito. Ele realiza a exaltação de Jesus, ressuscitando-o e elevando-o ao posto mais alto que possa existir. Deus trata como Senhor (como Deus) aquele que os homens trataram como maldito. A conexão “por isso” utilizada entre a segunda e terceira estrofes merece destaque. O “por isso Deus o sobreexaltou” demonstra que Jesus é exaltado porque em toda a sua vida foi obediente, isto é, viveu plenamente uma vida doada ao Reino do Pai e à sua vontade.

Para Sobrino ser cristão é refazer a estrutura da vida de Jesus na própria vida: é “refazer na história, a vida, a atividade, as atitudes e o destino de Jesus

³⁹⁸ Cf. COMBLIN, J., *Epístola aos filipenses*, p. 41.

de Nazaré³⁹⁹. E nós diríamos: vivenciar o caminho *kenótico* nos passos de Jesus. Seguir Jesus é aceitar trilhar o seu mesmo caminho:

Parecer-se com Jesus é reproduzir a estrutura de sua vida. Segundo os Evangelhos, isto significa *encarnar-se* e chegar a ser carne real na história real. Significa *levar a cabo uma missão*, anunciar a boa notícia do reino de Deus, iniciá-lo com sinais de todo tipo e denunciar a espantosa realidade do antirreino. Significa *carregar o pecado do mundo*, sem ficar somente olhando-o de fora – pecado, certamente, que continua mostrando sua força maior no fato de causar morte a milhões de seres humanos. Significa, finalmente, *ressuscitar*, tendo e dando aos outros vida, esperança e alegria⁴⁰⁰.

Como afirma Sobrino, “Jesus não propõe uma doutrina sobre o seu seguimento, mas a oferece e a exige. ‘Quem quiser vir após mim’, é um convite. ‘Siga-me’, é um imperativo”⁴⁰¹. Aceitar o convite é assumir que há cruz no caminho e experienciar que ela é fonte e cume da missão intrínseca ao seguimento a Jesus.

No seguimento a Jesus a encarnação é o primeiro passo. Jesus fez-se carne. O ser humano já o é por natureza. Encarnar-se para o ser humano significa assumir um estar no mundo. Por isso, “o ideal cristão não seria a retirada do mundo, senão o diálogo com ele, inclusive a inserção nele”⁴⁰².

A encarnação de Jesus possui duas dimensões: transcendente e histórica. A dimensão transcendente é o chegar a ser humano. A dimensão histórica é o chegar a ser humano participando no fraco, no pequeno, no oprimido. A primeira exigência para o seguidor de Jesus Cristo não é simplesmente ser carne, mas fazer-se carne nos crucificados da história, no mundo de baixo, no mundo dos pobres⁴⁰³.

Encarnar-se na realidade, na estrutura *kenótica*, significa “descer o primeiro degrau”. É o primeiro passo no esvaziamento. Deus desce para ser como nós seres humanos; nós tendemos a querer subir para sermos como “deuses todo-poderosos”. Quando o apego as posições, aos bens que trazem segurança e as garantias recebidas fazem com que os cristãos não se importem com as injustiças que os povos crucificados sofrem, não podemos afirmar que estes que se dizem cristãos sejam verdadeiramente seguidores de Cristo. Jesus se humilhou e se fez servo. Encarnar-se é optar e posicionar-se cristãmente diante de alternativas de nossa vida: riqueza ou pobreza, vanglória ou

³⁹⁹ SOBRINO, J., Identidade cristã, p. 343. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAIO-ACOSTA, J. J. (orgs), op. cit., pp.342-354.

⁴⁰⁰ Id., *O princípio misericórdia*, p. 31.

⁴⁰¹ Id., Identidade cristã, p. 343. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAIO-ACOSTA, J. J. (orgs), op. cit., pp.342-354.

⁴⁰² Ibid., p. 344.

⁴⁰³ Cf. Ibid.

humilhação, poder ou serviço⁴⁰⁴, portanto a encarnação é excludente e conflituosa: “Ninguém pode servir a dois senhores, a Deus e ao dinheiro” (Mt 6,24). Ao optar pela pobreza, humilhação e serviço automaticamente se entra em conflito com os detentores da riqueza e poder. “Pobreza e riqueza não podem coexistir justapostas e pacificamente, porque a pobreza é ‘contra’ a riqueza (Santo Inácio)”⁴⁰⁵.

Encarnação é também conversão tanto para os que estão “no mundo de cima” quanto para os que estão “abaixo”. Todos, crucificados ou não, são chamados a trilhar o caminho do seguimento e cada um especificamente:

Um povo crucificado já está materialmente nesta encarnação e só precisa assumi-la conscientemente com fé – seja qual for o grau de consciência reflexa no nível psicológico. Os que não pertencem sociologicamente a este povo crucificado devem realizá-la como abaixamento consciente, integrando-se nele de diversas formas, aproximando-se desse povo, assumindo sua causa e seu destino. Esse tipo de encarnação parcial já é expressão de fé em Cristo⁴⁰⁶.

A prática salvífica de Jesus, na qual o amor está implícito, é o segundo elemento do seguimento acentuado por Sobrino. A prática de Jesus é uma prática de libertação, pois é vista “como anúncio do Reino de Deus aos pobres e como serviço para que este anúncio se faça realidade”⁴⁰⁷. Na prática de Jesus o amor pode ser visibilizado pela sua misericórdia e pró-existência. Ser cristão é praticar a vontade de Deus e não apenas confessá-lo como Senhor. O cristão é chamado a praticar o mandamento novo do amor para que ele reine no mundo. O amor é uma espécie de distintivo dos cristãos: “Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35). O amor deve ser real, eficaz e libertador⁴⁰⁸. O amor é o que nos torna semelhantes a Deus.

A misericórdia é expressa nos sinais que Jesus realiza quando vê o sofrimento e as injustiças infligidas ao povo. A misericórdia não é uma atitude especificamente cristã, mas é exigida ao cristão:

“A misericórdia não é, pois, mandamento, embora seja mandada; não deve ser realizada por recompensas, embora seja recompensada, não pode ser

⁴⁰⁴ Cf. Id., *Jesus na América Latina*, p. 235.

⁴⁰⁵ Id., *Seguimento de Jesus*, p. 773. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAIO-ACOSTA, J. J. (orgs), op. cit., pp. 771-775.

⁴⁰⁶ Id., *Jesus na América Latina*, p. 235.

⁴⁰⁷ Ibid.

⁴⁰⁸ Cf. Id., *Seguimento de Jesus*, p. 773. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAIO-ACOSTA, J. J. (orgs), op. cit., pp. 771-775.

argumentada em seu favor, embora Jesus, em suas parábolas, mostre-a como o mais humano que existe”⁴⁰⁹.

A misericórdia é o princípio estruturante da vida de Jesus, por isso Sobrino não fala simplesmente de misericórdia, mas utiliza a expressão “princípio misericórdia”. Sobrino entende por “‘princípio misericórdia’ um amor específico que está na origem de um processo, mas que, além disso, permanece presente e ativo ao longo dele, dá-lhe uma determinada direção e configura os diversos elementos dentro do processo”⁴¹⁰. Portanto, a misericórdia não é apenas entendida como sentimento de compaixão, pois o sentimento pode não ser acompanhado de uma práxis libertadora e sim de certo “assistencialismo” que não questiona e não analisa as causas do sofrimento. Como o “princípio misericórdia” é o princípio estruturante da vida de Jesus também deve ser o de seus seguidores.

Jesus apresenta na parábola do bom samaritano o que é a misericórdia e como ela deve ser vivida (Lc 10,29-37). O samaritano agiu movido por misericórdia e ajudou da melhor maneira que pôde o homem ferido no caminho. O sofrimento alheio foi interiorizado pelo samaritano, se tornou parte dele e o levou a agir. A misericórdia foi sua ação fundamental. Os Evangelhos relatam que Jesus teve essa atitude misericordiosa em diversas situações, colocando a vida dos que não a tem plenamente acima de tudo. Jesus age por misericórdia diante do sofrimento do povo, dos pobres, dos fracos, dos excluídos... E o próprio Jesus apresenta o Pai como aquele que é movido por misericórdia, como na parábola em que o pai sai ao encontro do filho mais novo e movido por misericórdia o acolhe (Lc 15, 11-31)⁴¹¹. Podemos afirmar, então, que assim como o Pai e Filho que agem com misericórdia diante do sofrimento alheio para erradicá-lo, também nós deveríamos agir, pois “para Jesus a misericórdia está na origem do divino e do humano. Deus se rege, e os humanos devem reger-se segundo esse princípio, e a esse princípio está sujeito todo o resto”⁴¹². A misericórdia é a reação primordial ante o sofrimento.

Jesus viveu pró-existencialmente para os outros, isto é, sua vida não estava centrada em si mesmo, pois foi uma vida a favor dos seres humanos. Jesus deu-se a si mesmo aos outros e em primeiro lugar aos pobres. “A eles anuncia o reino de Deus (Mt 5,3; Lc 6,20) e nisto consiste sua missão (Lc 4,

⁴⁰⁹ Id., *Identidade cristã*, p. 345. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAIO-ACOSTA, J. J. (orgs), op. cit., pp.342-354.

⁴¹⁰ Id., *O princípio misericórdia*, p. 32.

⁴¹¹ Cf. *Ibid.*, pp. 34-36.

⁴¹² *Ibid.*, p. 38.

18s). Os sinais de salvação são a salvação dos pobres (Mt 11,4-6; Lc 7,22)⁴¹³. Vive pró-existencialmente quem ama os irmãos e dá a si mesmo gratuitamente. A morte de Jesus é a maior expressão de sua entrega. O cristão é convidado a descentralizar-se para que sua vida também seja uma vida doada.

Quem se encarna no baixo da história, quem exercita a pró-existência e, sobretudo quem se exercita na prática da justiça, sofre infalivelmente a reação do mundo. No evangelho aparece que quando Jesus faz o bem e instaura os sinais de misericórdia, outros se rebelam contra ele. Quando expulsa os demônios tem que ouvir que está endemoninhado e louco; quando senta os pecadores à sua mesa, tem que ouvir que é comilão e beberrão; quando anuncia a boa nova aos pobres e curas as suas enfermidades, adverte: “E bem aventurado aquele que não se escandalizar por causa de mim” (Mt 11,6). Existe algo de macabro na história dos homens⁴¹⁴.

Sobrino destaca a cruz como terceiro passo do seguimento. Embora apareça em terceiro lugar, a identidade cristã deve concretizar-se a partir da cruz. A cruz por si só não é símbolo da identidade cristã, por isto ela deve ser compreendida a partir de seu sentido original, como vimos em nosso primeiro capítulo e “não fazê-la intercambiar com qualquer símbolo de limitação, sofrimento e de morte”⁴¹⁵.

Jesus entrou em graves conflitos desde o início de sua missão por atuar em favor do Reino. Essa práxis é o início de uma perseguição que o levou à cruz. Muitas pessoas que se pareceram com Jesus em sua práxis no trabalho pela justiça e dignidade dos oprimidos foram perseguidos e assassinados. E foram assassinados porque estorvaram os grandes. Em vários escritos Sobrino costuma ressaltar as palavras de D. Romero: “mata-se aquele que estorva”. A reflexão de Sobrino continua a girar em torno desse eixo. Para ele não é masoquismo pensar assim ou um anacronismo, visto que estamos vivendo um “período de paz” na Igreja. E por isso ele insiste que quem se encarrega do Reino deve estar disposto a carregar o antirreino, pois “não vê-lo assim é ingenuidade e auto-engano. É muito perigoso para os cristãos e para as Igrejas. E não muda com a globalização”⁴¹⁶. Essa lucidez é essencial para a identidade cristã. É uma exigência para o cristão ver o mundo a partir dessa cruz⁴¹⁷.

A morte de cruz é atualizada naqueles que se encarnam na realidade e doam a vida por amor neste mundo que reage quando o amor toca seu

⁴¹³ Id., *Jesus na América Latina*, p. 59.

⁴¹⁴ Id., *Identidade cristã*, p. 346. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAIO-ACOSTA, J. J. (orgs), op. cit., pp.342-354.

⁴¹⁵ Ibid.

⁴¹⁶ Cf. Id., *Fora dos pobres não há salvação*, p. 140.

⁴¹⁷ Cf. Id., *Identidade cristã*, p. 347. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAIO-ACOSTA, J. J. (orgs), op. cit., pp.342-354.

pecado⁴¹⁸. Certamente “a cruz em sua realidade concreta de crueldade e morte, não tem por que ser, evidentemente, o destino de todos os que trabalham pelo Reino, mas – em algum grau e analogicamente – é inerente a todo seguimento”⁴¹⁹. Por isso, na vida cristã, “por mais terrível que seja pô-lo em palavra, a morte cristã, por excelência, é a morte na cruz”⁴²⁰.

A cruz exige a todo ser humano e a todo cristão uma postura diante da vida: escolher entre a vida e a morte, amar ou odiar o irmão, ter esperança ou ficar contra ela. Além disso, é um convite a permanecer no amor sem se deixar levar por qualquer tipo de ascetismo, epicurismo ou indiferença⁴²¹.

O quarto passo no seguimento é a participação histórica na ressurreição de Jesus. “Jesus é exaltado na ressurreição. Vive em plenitude, mas mantém suas chagas. Inversamente, podemos dizer que vivemos nas chagas da história, mas podemos participar também de sua plenitude”⁴²². Sobrino usa a expressão “um seguimento ‘ressuscitado’”⁴²³, apresentando que podemos viver como ressuscitados na história. A ressurreição é um fazer justiça à vítima Jesus e é aprovação e plenificação da sua vida⁴²⁴. Viver o seguimento como ressuscitados trata-se “de configurar ‘ressuscitadamente’ a estrutura de encarnação, missão e suportar o peso da história”⁴²⁵. Para que isto ocorra é preciso viver na história algo de “plenitude” e de “triumfo”, isto é, viver algo que seria quase que impossível como uma realidade. Sobrino cita alguns exemplos dessa vivência como ter a liberdade de dar a própria vida, a capacidade de não perder a alegria em meio a tanto sofrimento ou ainda a vivência do amor e da justiça para descer os crucificados da cruz⁴²⁶. Por isso, a alegria da ressurreição

significa certamente que o custoso seguimento que é realizado como quem encontrou um tesouro escondido e uma pedra preciosa, que o evangelho se transforma em uma leve carga pesada (K. Ranher), que quanto mais alguém a leva, mais o leva, que em meio às obscuridades e sofrimentos existe paz profunda, que, definitivamente, não pode ser de outra maneira, não se pode deixar de seguir a Jesus porque nisto se encontrou vida e vida abundante⁴²⁷.

⁴¹⁸ Cf. Id., *Identidade cristã*, p. 347. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAIO-ACOSTA, J. J. (orgs), op. cit., pp.342-354.

⁴¹⁹ Id., *Fora dos pobres não há salvação*, p. 140.

⁴²⁰ Id., *Identidade cristã*, p. 347. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAIO-ACOSTA, J. J. (orgs), op. cit., pp.342-354.

⁴²¹ Cf. Ibid.

⁴²² Id., *Fora dos pobres não há salvação*, p. 155.

⁴²³ Cf. Id., *A fé em Jesus Cristo*, p. 23.

⁴²⁴ Cf. Id., *Identidade cristã*, p. 347. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAIO-ACOSTA, J. J. (orgs), op. cit., pp.342-354.

⁴²⁵ Id., *A fé em Jesus Cristo*, p. 26.

⁴²⁶ Cf. Id., *Fora dos pobres não há salvação*, pp.155-156.

⁴²⁷ Cf. Id., *Identidade cristã*, p. 348. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAIO-ACOSTA, J. J. (orgs), op. cit., pp.342-354.

3.4. Superação de dualismos a partir do seguimento

Como vimos anteriormente, “o seguimento nos faz ‘ser’ como Jesus, com o qual, ademais, ‘damos corpo histórico a Jesus e o ‘incorporamos’ à história... Seguidores de Jesus são os que, *na realidade*, não só na intenção e na oração, se parecem com Jesus”⁴²⁸. Parecer com Jesus é viver como ele viveu. E para saber como ele viveu é necessário voltar ao “Jesus histórico”. Segundo Sobrino, o caminho mais propício para essa volta é o seguimento, pois seguir Jesus é ser testemunha dele: “as testemunhas e os mártires são aqueles que melhor conhecem e tornam presente a testemunha, o mártir Jesus”⁴²⁹.

O seguidor volta ao “Jesus histórico” para saber como ele viveu, sentiu agiu, optou, relacionou-se (e muitos outros verbos poderiam ser aqui acrescentados). Nessa busca descobre-se que Jesus viveu todos os momentos de sua vida de forma integrada, e assim, o seu seguidor também é chamado a vivê-la.

As ações de Jesus eram fundamentadas no grande amor que tinha pelo Pai e seu Reino com seus destinatários principais. Por isso, suas relações com o Pai, consigo mesmo, com os outros e com o mundo criado eram integradas e integradoras. Queremos aqui ressaltar as relações de Jesus com o Pai e com o outro, e este outro tem nome: os pobres.

As relações são inerentes ao processo de seguimento a Jesus. Não dá para ser cristão e viver isolado do mundo e das pessoas para manter uma relação exclusiva com Deus. Como também estabelecer relações, sejam elas com Deus ou com as pessoas, com segundas intenções, para ter algum benefício próprio, não é cristão. Corremos o risco de permitir que essas ambiguidades norteiem nossa vida e nossas relações.

Já fizemos, nos capítulos anteriores, alusão à compreensão que Jesus tinha de Deus como *abba* e Deus da vida. É com este Deus que a relação de Jesus está estabelecida. E também é a esse Deus que Jesus revela como amor, inclusive na cruz: um Deus solidário, capaz de sofrer com os sofredores. Porém, em muitas pessoas, principalmente de nossas Comunidades Eclesiais, ainda encontramos visões dicotômicas, pois não conseguem conciliar a “impotência” de Deus na morte do Filho com sua “onipotência” no amor. Isso leva a um prevalectimento da interpretação da morte de Jesus com o desígnio

⁴²⁸ Id., *Fora dos pobres não há salvação*, p. 180.

⁴²⁹ Ibid., p. 161.

divino em prol de nossa redenção, o que gerará graves problemas na ação pastoral. Dessa interpretação da cruz de Jesus nascem, tanto no campo literário como teológico, expressões simbólicas tais como poesias, músicas, artes, orações etc. E com isso, nasce também uma forma de seguimento que não remonta ao “Jesus histórico”, onde o “sentir” Jesus que já se entregou por mim é mais importante do que o “seguir” os passos históricos de Jesus.

Segundo Sobrino, “o perigo de propiciar uma fé alienante, que leva à evasão – a irresponsabilidade –, e uma fé infantilizante, que leva à irrealidade – o docetismo de sempre –, é recorrente na Igreja. Para superá-lo, é necessário voltar ao seguimento”⁴³⁰. No seguimento encontramos e fazemos a experiência de toda a trajetória de Jesus, inclusive de sua cruz. Experimentar Jesus sem sua cruz (ou com uma cruz sem seu sentido original) pode se tornar muito perigoso para a Igreja, pois pode gerar uma fé infantilizante e alienante:

Hoje nas igrejas, há excesso de triunfalismo e entusiasmo, a busca de sucessos, medidos por números elevados e expressos com pompa e ostentação, chegando, ocasionalmente, à apoteose. Tudo isso tira da realidade desta criação humilde. E há também excesso de infantilização – o cristianismo light, que facilita êxitos aparentes –, de credulidade alienante, que confunde o “fazer-se como crianças” – simples, confiantes –, do que Jesus falava, com o infantilismo de não pensar, de não ser críticos, do que Jesus não falava. Isso afasta da insegurança, mas também da condição humana. Dito em forma de tese, pensamos que uma fé assim cai na irrealidade, como se Deus manejasse sua história sem nós e com base em milagres. É o docetismo eclesial. E não humaniza⁴³¹.

Vivemos como num movimento pendular. Ora num extremo, ora em outro. É difícil centrarmo-nos, encontrarmos o equilíbrio. Fomos muito questionados no passado pelo nosso ativismo pastoral, pela dedicação exclusiva à causa dos pobres sem se alimentar da oração e de uma espiritualidade. Muitos cristãos deixaram a Igreja e envolveram-se em outras organizações políticas ou não governamentais. Fé e práxis pareciam ser incompatíveis. Não queremos aqui deter-nos em uma análise dessa dicotomia, mas queremos demonstrar o quanto o dualismo encontra-se presente na Igreja. E hoje ainda mais, pois em nossa prática pastoral há mais infantilismos do que o ativismo do passado. Sobrino utiliza uma expressão de D. Pedro Casaldáliga para demonstrar o que foi afirmado: “da própria fé cristã se está fazendo um receituário de milagres e prosperidades, refúgio espiritualista diante do mal e do sofrimento, e um

⁴³⁰ Ibid., p. 178.

⁴³¹ Ibid., p. 179.

substantivo da corresponsabilidade, pessoal e comunitária, na transformação da sociedade”⁴³². Há uma forte acentuação do “sobrenatural”.

Uma prática pastoral que quer ser profunda e verdadeira nasce do seguimento a Cristo em seu Mistério Pascal. Percorrer o caminho de Jesus com Jesus é percorrer um caminho de encontro com Deus e com outros, principalmente com aqueles que são os crucificados de hoje.

Jesus fez opções excludentes, mas não opções dualistas. Não há dualismos na vida de Jesus. Na vida de Jesus a teoria sempre está relacionada com a prática. Ele anuncia a boa nova, mas ao mesmo tempo busca realizá-la. A vontade de Deus é realizada nas ações concretas e eficazes. Na vida de Jesus as opções remetem à sua opção fundamental: o amor ao Pai (o Deus da vida) e o seu Reino (e destinatários). Desde o início de sua missão Jesus estabeleceu relação com os destinatários do Reino e por eles fez opção. Movido por um amor misericordioso é solidário com os pobres e os inclui na sociedade. A cruz é o ponto culminante deste amor: “a cruz de Jesus é o argumento mais claro para mostrar que Jesus fez opção pelos pobres e o caráter conflitante da opção”⁴³³.

Quando Jesus quer mostrar como deve ser o ser humano ele conta a parábola do bom samaritano. A opção de Jesus pelos pobres é indubitavelmente excludente. Exclui-se toda forma de riqueza que gera a pobreza. E isto gera conflito. “A conflitividade é intrínseca ao amor de Jesus a partir do momento em que concebe sua universalidade desde o lugar concreto do oprimido”⁴³⁴. Jesus se colocou a favor dos oprimidos, logo está contra os opressores. Porém, os opressores são convidados à conversão. Jesus compreendeu desde o início que sua missão era destinada aos pobres, viveu a favor deles e os colocou como critério último na parábola do juízo final (Mt 25), isto é, como lugar a partir do qual se discerne a práxis do amor⁴³⁵.

Como vimos anteriormente, a misericórdia está na origem do humano e do divino. Tudo se decide a partir da misericórdia. É ela o critério para a salvação. A Igreja é convocada a reger-se pelo “princípio misericórdia”, pois assim evitará alguns perigos na supervalorização de alguns aspectos em detrimento de outros, visto que a misericórdia “dá forma a todas as dimensões

⁴³² Id., *Fora dos pobres não há salvação*, p. 138.

⁴³³ Id., *Opção pelos pobres*, p. 535. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAIO-ACOSTA, J. J. (orgs), op. cit., pp.528-540.

⁴³⁴ Id., *Jesus na América Latina*, p. 200.

⁴³⁵ Cf. *Ibid.*, p.199.

do ser humano: do conhecimento, da esperança, da celebração e, naturalmente, da práxis⁴³⁶.

Na Igreja Latino-americana podemos verificar que muitos cristãos deram a vida pela causa dos crucificados da história. Nosso chão está banhado de sangue de pessoas com entranhas misericordiosas. Ao recordar o martírio de sua comunidade juntamente com a empregada da casa e sua filha, Sobrino afirma que com sua morte nos deixaram humanidade, misericórdia, verdade, justiça, amor e fé porque foram em sua vida humanos, misericordiosos, verazes, justos, amorosos e crentes⁴³⁷. E acrescenta:

Lembrando meu querido irmão jesuíta Inácio Ellacuría, reitor da universidade Centro-americana José Simeón Cañas, assassinado junto com outros cinco jesuítas e duas mulheres simples aos 16 de novembro de 1989, aprendi que não há nada mais essencial para viver como ser humano do que o exercício da misericórdia diante de um povo crucificado, e que não há nada mais humano e humanizante do que a fé no Deus de Jesus⁴³⁸.

Diante da vivência de cristãos que anunciam com a própria vida a proximidade de Deus na história, somos chamados a nos humanizar mais e encontrar o nosso lugar próximo aos crucificados de hoje, sendo solidários com eles, pois a fonte e o fundamento do amor-solidariedade aos crucificados é o próprio Crucificado. A forma mais concreta de carregar a cruz de Cristo é encarregar-se do Reino e de seus destinatários: os pobres. Esse “encarregar-se” pode vir acompanhado do martírio, porém “a opção pelos pobres, custosa certamente, não só deve ser vista como algo que implica sofrimento e riscos, incluído o martírio, mas também como algo que dá sentido e prazer à existência”⁴³⁹.

Deus não abandona suas criaturas à morte. Ele se faz solidário com a nossa causa. A solidariedade de Deus é vista como resposta ao sofrimento: se a Trindade foi solidária com a humanidade, a Igreja, sinal do amor de Deus no mundo, é chamada a ser solidária com os que sofrem. A Igreja é chamada a fazer-se próxima aos crucificados de hoje porque o próprio Deus o é. Nos pobres irrompe a realidade do próprio Deus. Nos pobres revela-se o Mistério: “para conhecer a revelação de Deus é necessário conhecer a realidade dos pobres”⁴⁴⁰. Há um círculo hermenêutico na relação entre Deus e os pobres: ao aprofundar o mistério dos pobres vai-se aprofundando no mistério de Deus e vice-versa, pois

⁴³⁶ Id., *O princípio misericórdia*, p. 38.

⁴³⁷ Cf. *Ibid.*, p. 251.

⁴³⁸ Id., *Ibid.*, pp.14.28.

⁴³⁹ Id., *Fora dos pobres não há salvação*, p. 43.

⁴⁴⁰ Id., *O princípio misericórdia*, p. 55.

os pobres nos levam a Deus e a Cristo, e ao mesmo tempo Eles se revelam ao lado dos pobres, como vemos nas Escrituras⁴⁴¹.

A opção pelos pobres afeta algo essencial na Igreja: “não é que já exista a Igreja e que, depois, se pergunta o que fazer para e com os pobres”⁴⁴². A Igreja nasce da missão de Cristo, cuja centralidade são os pobres. Ela é continuadora da missão de Cristo. Portanto, a Igreja não nasce anteriormente à opção de Jesus pelos pobres. Porém, Sobrino enfatiza que hoje a opção pelos pobres está diluída na missão da Igreja e não se encontra mais como “preferencial”. Muitas outras coisas se encontram hoje como centralidade da missão da Igreja no lugar da opção pelos pobres. Assim, a pergunta pelo lugar da Igreja feita há anos atrás continua ecoando. Para Sobrino este lugar não é outro senão os crucificados da história:

Determinar qual é seu lugar é o problema fundamental para a Igreja. A resposta formal é conhecida: seu lugar é o mundo, uma realidade logicamente exterior a ela mesma. Pois bem, o exercício da misericórdia é o que coloca a Igreja fora de si mesma e num lugar bem preciso: ali onde acontece o sofrimento humano, ali onde se escutam os clamores dos humanos. O lugar da Igreja é o ferido no caminho – conhecido ou não, física e geograficamente, este ferido com o mundo intra-ecclesial – o lugar da Igreja é “o outro”, a alteridade mais radical do sofrimento alheio, sobretudo quando é em massa, cruel e injusto⁴⁴³.

Mas quem são os pobres? Com que tipo de pobres Jesus se relaciona? De que pobres fala a Teologia da libertação? Essas perguntas e outras relacionadas aos pobres geraram grandes debates teológicos. Sobrino admite a importância da distinção da diversidade de formas de pobreza e a fundura humana, antropológica e social de qualquer uma delas e de todas elas em seu conjunto. Esse conjunto constitui o “mundo de pobreza” e é distinto e oposto ao “mundo de abundância”. Para Sobrino o mais importante é perceber a “fundura” (ou profundidade) da pobreza e levar em conta todas as suas dimensões:

Creemos, porém, que o termo genérico “pobreza”, com toda a sua fluidez histórica, é insubstituível para exprimir a negação e opressão do humano, a carência, o desprezo, o fato de muitos milhões de seres humanos não terem palavra nem nome. Disso participam de uma forma ou de outra, todas as “pobrezas categoriais”⁴⁴⁴.

Nas diversas formas de pobreza encontramos ainda hoje algumas comuns as da época de Jesus. Mas o que deve ser destacado é que “existem

⁴⁴¹ Cf. Id., *Fora dos pobres não há salvação*, p. 46.

⁴⁴² Ibid.

⁴⁴³ Id., *O princípio misericórdia*, p. 39.

⁴⁴⁴ Id., *Fora dos pobres não há salvação*, p. 50.

maiorias de seres humanos para os quais o fato de viver é carregar uma carga muito pesada, cujo peso provém não só de limitações naturais, mas sobretudo históricas. Nessa carga se exprime a fundura da pobreza⁴⁴⁵ porque essa fundura afeta primeiramente os pobres e depois aqueles que os geram e os que ficam como espectadores. Além disso, “essa fundura remete a outra fundura: a do mistério de Deus (e dos ídolos), a da graça (e do pecado), a da salvação (e da condenação)”⁴⁴⁶. Portanto, na cristologia de Sobrino, a pobreza não foi reduzida ao aspecto econômico⁴⁴⁷, como muitos julgam sem adentrar em sua reflexão.

Sobrino classifica os pobres hoje como aqueles que não existem: “os carentes e oprimidos, no tocante ao básico da vida material; são os que não têm palavra nem liberdade, quer dizer, dignidade; são os que não têm nome, quer dizer existência”⁴⁴⁸. Logo, aqueles que não existem não necessitam de atenção e muito menos preferência. Infelizmente essa lógica afeta hoje a vida da Igreja que anos atrás se movia pela misericórdia na luta contra as injustiças para salvar os pobres.

Os pobres (os quais Sobrino chama de povos crucificados, pois são povos inteiros que vivem em situação de opressão) estão sendo invisibilizados, mas nos últimos anos eles mesmos estão se tornando visíveis. Atualmente os pobres não estão presentes somente no Terceiro Mundo, pois com o processo migratório chegaram ao Primeiro Mundo. Os pobres do Terceiro Mundo estão batendo às portas do Primeiro Mundo em busca de acolhida como Jesus: “Eis que estou à porta e bato”. Estão clamando por solidariedade, já que esta não chegou até eles. Pelo contrário, são vítimas de exploração através do tráfico humano e de drogas, da prostituição, da mão-de-obra barata (inclusive infantil) e de tantas outras formas.

Muitos interpretam que a globalização trouxe inúmeros benefícios para os pobres, inclusive a possibilidade das migrações⁴⁴⁹, o que é visto como positivo. Porém, na maioria das vezes, esses imigrantes não são tratados com misericórdia (há mais assistencialismo do que solidariedade cristã, pois ajudar apenas os pobres que ali se encontram não resolve os problemas da grande maioria que ficou em seus países de origem) e continuam excluídos. Na Europa

⁴⁴⁵ Ibid., p. 48

⁴⁴⁶ Ibid.

⁴⁴⁷ Sobrino cita Gutierrez para afirmar que a Teologia da Libertação desde o início foi atenta aos diversos tipos de pobreza e não a reduziu ao seu aspecto econômico. Cf. SOBRINO, J., *Fora dos pobres não há salvação*, p. 50.

⁴⁴⁸ Ibid., p. 53.

⁴⁴⁹ Ibid., p. 70.

são tratados e denominados como “extracomunitários” por não pertencerem à Comunidade Européia. Eles podem até não mais ser pobres *no* Terceiro Mundo, mas continuam sendo pobres *do* Terceiro Mundo. O atual processo migratório pode ser compreendido analogamente ao Êxodo, onde o desejo era a busca de libertação. E se realmente for assim, se há busca de libertação é porque por trás há escravidão e opressão. Essa realidade deveria em primeiro lugar levar o Primeiro Mundo a questionar por que os pobres estão às suas portas e o que está causando esse processo migratório.

O amor-solidariedade-misericórdia que toda a Igreja é chamada experimentar na relação com os irmãos crucificados de hoje deve ser consequência do seguimento a Jesus Cristo, que foi amoroso, solidário e misericordioso. Ver, aceitar e seguir a esse Jesus sem eliminar ou supervalorizar uma dimensão de sua trajetória (visto que todos os momentos da vida de Jesus estão intrinsecamente relacionados) é testemunhar um seguimento mais integrado e integrador, onde os pobres e oprimidos terão preferência em nossa práxis.

3.5. Conclusão

Nosso terceiro capítulo teve como objetivo apresentar a relevância da cruz para o seguidor de Jesus.

Desde o início seguir a Jesus suporta renúncias e o carregar a cruz. Os que foram chamados para segui-lo não foram enganados, pois Jesus alertava em diversos momentos que no caminho havia cruzes. Caminhar com Jesus nunca significou estabilidade e segurança, mas compartilhar do seu destino.

O seguimento a Jesus sempre foi na história a forma principal para expressar a identidade cristã. Até mesmo nos momentos em que a Igreja parecia trilhar outros caminhos muitos cristãos voltaram-se para a radicalidade do seguimento. Assim, deu-se início na Igreja a diversas formas de seguimento. No caminho do seguimento a cruz de Jesus foi sendo interpretada de vários modos, gerando místicas e devoções populares em torno dela. Além disso, a cruz tornou-se uma espécie de amuleto para proteger de diversas situações de perigo. Mais tarde entra na Cristandade como símbolo de conquista e de poder.

Sobrino propõe o resgate do sentido original da cruz de Jesus justamente para evitar que os seguidores de Jesus se prendam a outros sentidos à ela

dados ao longo da história, pois podem comprometer o seguimento gerando dualismos em nossa prática. Para Sobrino seguir a Jesus é trilhar a sua trajetória. Nesta trajetória a cruz se faz presente e é fruto da encarnação na realidade dos atuais crucificados, pois por si só a cruz é símbolo de sofrimento e limitação, mas quando vivida no seguimento é sinal do amor misericordioso. A presença da cruz no caminho do seguimento confirma que há uma opção pelos crucificados de hoje.